

O Golpe Militar Chileno em Pablo Neruda e Roberto Bolaño: relações literárias

JORGE BENEDITO DE FREITAS

Universidade Federal de Ouro Preto. e-mail: defreitasjorge@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho apresenta uma relação entre Pablo Neruda e Roberto Bolaño, pelo discurso literário, analisando as obras *Confesso que Vivi* (1974), de Neruda – focando no capítulo 12, “Pátria Doce e Dura” – e *Noturno do Chile* (2000), de Roberto Bolaño. São obras de gêneros, linguagem e períodos distintos, porém em determinada instância, abordam o mesmo assunto: o Golpe Militar ocorrido no Chile em 1973. Este texto aborda ainda a relação literária existente entre romance de Bolaño – e o conto “Carnet de Baile”, publicado no livro *Putas Asesinas* (2001) – e a figura de Neruda. A análise do Golpe pela ótica dessas obras visa a proporcionar um estudo sobre o período histórico-social em que se encontrava a sociedade chilena no ano de 1973, situação que se assemelha ao que ocorreu em quase toda a América Latina, onde outros países também foram governados por regimes ditatoriais.

Palavras-chave: literatura e política; Chile; Bolaño; Neruda.

I. Introdução

No início da década de 70, o Chile era o único país da América do Sul a chegar próximo de conquistar uma transformação socialista. Nesta década, o Chile passava por uma séria crise econômica, pois seu principal produto, o cobre, baixara de preço, e grande parte do lucro se encontrava no exterior, principalmente nas mãos norteamericanas. O crescimento populacional pressionava por empregos e por uma qualidade melhor nos serviços sociais.

Em janeiro de 1970, pouco antes das eleições, a Unidade Popular, maior centro da esquerda chilena, ainda não havia decidido quem seria o seu candidato à presidência. Enquanto se desenrolavam as negociações internas, tendo como nome forte Salvador Allende, outra frente de esquerda chilena, o Partido Comunista, havia lançado como seu candidato o ex-senador e poeta Pablo Neruda; porém a delicada situação da política chilena e a grande amizade entre os dois fizeram com que Neruda desistisse da candidatura e passasse a apoiar o amigo Salvador Allende.

Em seu livro *Confesso que Vivi*, publicado postumamente pela primeira vez em 1974, Neruda faz uma grande e bela descrição de sua vida como poeta, senador, em-

baixador e apaixonado pela vida. No capítulo 12, intitulado “Pátria Doce e Dura”, do mesmo livro, o poeta discute as várias influências de personagens da história comunista em sua obra, abrangendo desde o chamado à candidatura à presidência do Chile pelo Partido Comunista em 1969, até o cruel retorno à pátria prestes a ser dominada por uma ditadura militar. Neruda foi um poeta de várias facetas, dentre as quais possuidor de um grande senso de responsabilidade política. Foi um poeta marxista e difundiu em suas obras ideais que influenciaram muitas sociedades.

Roberto Bolaño, premiado escritor chileno, entusiasmado pelo governo socialista, voltara, no início de 1973, do México, país em que se encontrava desde 1968. Com o golpe de 73, Bolaño foi mandado para a prisão por não concordar com os rumos ditatoriais em que o país estava entrando. Libertado por um amigo de infância, ele e a família partiram para El Salvador e depois novamente para o México, onde publicava seus poemas; por fim firmou-se na Espanha, onde permaneceu até sua morte em 2003.

A obra *Confesso que Vivi*, livro de memórias do poeta Pablo Neruda, apresenta caráter bibliográfico e poético, um relato de sua vida desde jovem provinciano que fazia confissões com seu único amigo, a Chuva, até a dura desilusão do golpe militar de 1973, que culminava com a morte do amigo e então presidente chileno, Salvador Allende, relatado no capítulo 12 da obra, “Pátria Doce e Dura”:

Estas memórias ou recordações são intermitentes e por vezes fugidias na memória, porque a vida também é assim. As memórias do memorialista não são as memórias do poeta. Aquele viveu talvez menos, mas fotografou muito mais, recreando-nos com a perfeição dos pormenores. Este entrega-nos uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e pela sombra da sua época (NERUDA, 1983, p. 8).

A obra de Roberto Bolaño, *Noturno do Chile*, publicada em 2000, é um romance com dois parágrafos, sendo o primeiro bastante longo e o segundo consta apenas de uma frase: “E depois se desencadeia a tormenta de merda” (BOLAÑO, 2004, p. 1001). O livro é narrado em primeira pessoa pelo padre Sebastián Urrutia Lacroix que, às vésperas de sua morte, realiza um monólogo sobre sua vida e, por meio dele, reconstrói momentos importantes da história chilena, dentre eles, os momentos vividos antes e depois do golpe de 1973.

As duas obras apresentam características diferentes no que se refere ao gênero literário e à linguagem. *Confesso que Vivi* é uma obra de caráter biográfico em que o poeta Pablo Neruda remonta fatos de sua vida. A obra é dividida em 12 capítulos, discorrendo sobre sua infância, juventude, encontros com a poesia, aspirações e concretizações políticas. A obra de Bolaño, *Noturno do Chile*, é um romance que mistura fatos de ficção com a presença de personagens reais, apresentando uma crítica à sociedade chilena. Bolaño reconstrói a vida social chilena por meio da literatura.

As obras foram escritas em períodos históricos diferentes: *Confesso que Vivi*, foi publicado em 1974, pouco tempo após a morte de Neruda, em 1973. Segundo Isabel Allende, sobrinha do presidente Salvador Allende, em seu livro *Paula* (1995), “em setembro de 1973, doze dias depois do Golpe Militar, morreu Pablo Neruda. Estava do-

ente e os tristes acontecimentos daqueles dias acabaram com sua gana de viver” (ALLENDE, 1995, p. 135). *Noturno do Chile* foi publicado em 2000, dez anos após o general Augusto Pinochet, por meio de um plebiscito, deixar a presidência do Chile, nas primeiras eleições chilenas, desde 1970.

II. “Pátria Doce e Dura”, de Pablo Neruda

O capítulo 12 do livro autobiográfico de Nefatli Ricardo Reyes Basoalto, poeta chileno de pseudônimo Pablo Neruda, começa descrevendo os acontecimentos antecessores à eleição de 1970, que teve como vencedora a Unidade Popular, cujo candidato era Salvador Allende. O capítulo termina com o assassinato do presidente e a derrubada do governo socialista. Com esse golpe, a democracia no país foi substituída por uma ditadura militar, comandada pelo General Augusto Pinochet, que iria governar o Chile com mãos de ferro até meados de 1990.

Neruda divide o capítulo 12 em subtítulos, mantendo a estrutura apresentada em todo livro. O autor utiliza uma linguagem suave, poética, para descrever suas memórias que vão se entrelaçando à história do Chile. Ele inicia o capítulo 12, “Pátria Doce e Dura”, tratando os extremismos revolucionários como sendo uma atitude prejudicial para as rebeliões revolucionárias. Estas rebeliões somente encontram força se depositadas em organizações da massa possíveis de realizar uma mudança social. Extremismos revolucionários caracterizam-se apenas como revoluções individuais, impossíveis de proporcionar alterações na ordem vigente e incapazes de realizarem uma ampla revolução que atinja a todos. Alertando sobre o perigo destes extremistas, o poeta cita uma de suas lembranças sobre um velho conhecido, senhor idôneo, oriundo de minorias raciais e extremamente apaixonado por tal origem, que ao fim se revelava um espião a serviço de um governo fascista, determinado a realizar a passagem de informações ao seu governo sobre organizações contrárias.

A partir do subtítulo “Poética e Política”, o autor começa a descrever a sua relação com a política de seu país, no conturbado período pré-eleições de 1970. Sempre com a suavidade poética que lhe é de costume, Neruda vai delineando as suas memórias, revelando que sua tranquilidade de poeta encontrara pela frente vários desafios.

O inverno é estático e brumoso. Ao seu encanto acrescentamos todo dia o fogo da lareira. A brancura das areias na praia nos oferece um mundo sempre solitário, como era antes de existirem habitantes ou veranistas na terra. Mas não se pense que eu detesto a multidão estival. Mal se aproxima o verão, as moças se aproximam do mar, homens e crianças entram nas ondas com precaução e saem saltitando do perigo. Assim consumam a dança milenar do homem diante do mar, talvez a primeira dança dos seres humanos (NERUDA, 1983, p. 352).

Em 1969, Neruda passou todo o ano em Isla Negra, litoral chileno, acompanhado de sua esposa Matilde Urrutia. Esta vida simples de poeta, dedicada à contempla-

ção da natureza, regada com a solidão de seus poemas, encontra afirmação em sua vida política dedicada ao enfrentamento das multidões.

Solidão e multidão continuarão sendo deveres elementares do poeta de nosso tempo. Na solidão, minha vida se enriqueceu com o marulhar no litoral chileno. Intrigaram-me e me apaixonaram as águas que arremetiam e os penhascos fustigados, a multiplicação da vida oceânica, a formação impecável dos pássaros migradores, o esplendor da espuma marinha.

Mas aprendi muito mais da grande maré das vidas, da ternura vista em milhares de olhos que me olharam ao mesmo tempo. Esta mensagem pode não estar ao alcance de todos os poetas, mas quem a sentiu a guardará em seu coração, desenvolvendo-a em sua obra.

É memorável e dilacerador para o poeta ter encarnado para muitos homens, durante um minuto, a esperança (NERUDA, 1983, p. 354).

Em 1970, ano de eleição presidencial no Chile, o país estava dividido. De um lado a coalizão de partidos da direita, denominada Democracia Cristã, já apresentava seus candidatos, enquanto do outro a coalizão de vertente esquerdista, denominada Unidade Popular (UP), ainda estava dividida, sem ter um candidato definido. O nome de Pablo Neruda sai como candidato pelo seu partido, o Partido Comunista – membro da Unidade Popular –, cuja intenção era de se fortalecer com apenas um nome para disputar as eleições. O nome de Salvador Allende, que já havia disputado as eleições presidenciais por três vezes, é lançado pelo Partido Socialista – também membro da Unidade Popular. Chegando a um consenso dentro da UP, Neruda renuncia à sua possível candidatura para apoiar o amigo Salvador Allende como candidato único pela UP à eleição presidencial no Chile.

A Unidade Popular vence a eleição de 1970 e, pela primeira vez, o Chile tem um presidente de vertente socialista. Fortemente apoiado pelos operários e camponeses – a camada popular chilena –, Allende começa grandes mudanças em seu país, sendo a mais significativa a nacionalização do cobre, principal recurso natural que estava em mãos estrangeiras. Após a posse de Allende, Neruda assume o cargo de embaixador do Chile em Paris. No subtítulo “Embaixador em Paris”, o poeta conta como se sentira feliz pelas realizações tão significativas em seu país.

Tinha sido feita uma revolução no Chile, uma revolução à chilena, muito analisada e muito discutida. Os inimigos de dentro e de fora afiavam os dentes para destruí-la. Por cento e oitenta anos se sucederam em meu país os mesmos governantes com diferentes rótulos. Todos fizeram o mesmo. Continuaram os farrapos, as moradias indignas, as crianças sem escolas nem sapatos, as prisões e as bordoadas contra meu pobre povo. Agora podíamos respirar e cantar. Isso era o que me agradava na minha nova situação (NERUDA, 1983, p. 358).

O capítulo 12, que remonta a essas memórias do poeta, termina com o subtítulo “Allende”, em que Neruda descreve de forma poética sua admiração pelo presidente chileno e os últimos dias que decorreram até o fatídico golpe militar ocorrido em setembro de 1973, que culminou com a morte do presidente Allende. O golpe deu fim às mudanças sociais realizadas por Allende e, então, o país foi entregue às mãos dos militares, apoiados pelas diversas camadas elitizadas do Chile. Tudo isso acarretou o fim da democracia chilena, iniciando, a partir de então, uma ditadura feroz e sanguinária que iria durar até 1990, comandada pelo General Augusto Pinochet. Em suas últimas linhas, Neruda descreve com pesar o heroísmo e fim do “companheiro” Allende:

Escrevo estas rápidas linhas para minhas memórias há apenas três dias dos fatos inqualificáveis que levaram à morte meu grande companheiro, o Presidente Allende. Seu assassinato foi mantido em silêncio, foi enterrado secretamente, permitiram somente à sua viúva acompanhar o imortal cadáver. A versão dos agressores é que acharam seu corpo inerte, com mostras visíveis de suicídio. A versão que foi publicada no estrangeiro é diferente. Após o bombardeio aéreo, vieram os tanques, muitos tanques, para lutar intrepidamente contra um só homem: o Presidente da República do Chile, Salvador Allende, que os esperava em seu gabinete, sem outra companhia a não ser seu grande coração envolto em fumaça e chamas.

Não podiam perder uma ocasião tão boa. Era preciso metralhá-lo porque jamais renunciaria a seu cargo (NERUDA, 1983, p. 368).

III. *Noturno do Chile*, de Roberto Bolaño

Noturno do Chile, de Roberto Bolaño, é um romance que discorre sobre as lembranças da vida do personagem padre, escritor e crítico literário Sebastián Urrutia Larraín, que em seu leito de morte, atormentado pela figura de um “jovem envelhecido”, busca esclarecer alguns fatos de sua vida, tendo como pano de fundo uma crítica severa às camadas da sociedade chilena que ficaram apáticas durante o período que antecedeu o Golpe Militar de 11 de setembro de 1973 e permaneceram inertes nos anos seguintes da duríssima repressão Militar.

Bolaño tem como característica peculiar a mistura de gêneros literários em sua literatura, mesclando a própria literatura com a crítica literária. Segundo o estudioso da obra de Bolaño, Rafael Gutiérrez Giraldo, em seu artigo publicado pela revista *Gragoatá*,

em tom sério e burlesco, às vezes sarcástico, às vezes demolidor, uma forma particular de crítica literária aparece de forma constante na obra ficcional de Roberto Bolaño. Grande parte da obra deste escritor chileno tem como tema central a própria literatura. Suas histórias são habitadas por poetas, escritores, editores, leitores compulsivos e professores de literatura. Assim não é estranho que um tipo de crítica literária também faça parte integral de sua ficção (GIRALDO, 2007, p. 180).

As lembranças vividas por Lacroix, na medida em que se desenvolve o romance, se entrelaçam com fatos e personagens reais da história do Chile. No decorrer de todo o romance, Lacroix encontra-se com personagens reais da literatura que serviram de forte influência para Bolaño. *Noturno do Chile* apresenta uma forte semelhança com o conto “Carnet de Baile”, de outro livro do chileno intitulado *Putas Asesinas* (2001). Nas palavras de Giraldo:

Escrito em forma autobiográfica, o conto descreve a relação apaixonada e depois conflituosa, entre o narrador e a obra de Neruda. Essa história literária se mistura à história de vida do narrador durante o início da ditadura chilena. História de coragem juvenil e, ao mesmo tempo, história de formação literária. A literatura funciona neste conto, como em quase toda a obra de Bolaño, como catalisador, como fio condutor da narrativa. O conto desenha o trajeto de leitura do narrador Bolaño, começando com Neruda e depois passando por Vallejo, Huidobro, Borges, De Rohka, Gironde, até chegar a Nicanor Parra, que será uma de suas influências mais marcantes. A citação de escritores é comum em Bolaño e vai construindo uma cadeia de influências e gostos literários que o próprio escritor revela e serve de ponte para aproximar-se da sua obra ficcional e crítica (GIRALDO, 2007, p. 183).

- ***A sexualidade na relação entre os personagens Lacroix e Farewell***

Seguindo na análise do romance *Noturno do Chile*, abordarei relação entre o personagem Lacroix e seu ídolo, o grande crítico literário Farewell. No primeiro encontro entre os dois, o padre vê o crítico como sendo um gigante de dois metros de altura, grandioso renomado e bem trajado, deixando evidente a condição de submissão de Lacroix a Farewell, aquele que posteriormente o “introduziria” no mundo das letras.

[...] meus dedos frescos de jovem recém-saído do seminário, os dedos de Farewell, grossos e já um tanto deformados como cabia a um ancião tão alto, e falamos dos livros e dos autores desses livros, e a voz de Farewell era como a voz de uma grande ave de rapina, que sobrevoa rios, montanhas, vales e desfiladeiros, sempre com a expressão justa, a frase que caía como uma luva em seu pensamento (BOLAÑO, 2004, pp. 7-8).

Essa passagem deixa clara a admiração de Lacroix por Farewell; o padre sente-se ingênuo diante do grande crítico literário possuidor de uma sabedoria de ancião, passando a ideia de que a sua voz potente era ouvida em vários lugares. Nesse primeiro encontro, Lacroix já manifesta o seu desejo em seguir a vereda aberta por Farewell e também se tornar crítico literário. Daqui é possível observar uma crítica aberta feita pelo crítico literário ao caracterizar o país como atrasado e pertencente a uma oligarquia agrária pouco interessada no estudo da literatura. Pode-se observar uma contradição, pois Farewell é também pertencente a esta oligarquia dominante. Os principais acontecimentos entre o padre e o crítico ocorrem em sua fazenda de nome *Là-Bas*.

Em sua visita a Là-Bas, o narrador revela ter uma forte tendência homossexual, que passa a ser presente em sua relação com Farewell. Está sempre presente na narrativa a característica de submissão do padre frente ao seu grande ídolo, que o domina e com ele mantém uma relação sexual.

[...] E então a mão de Farewell desceu do meu quadril para a minha nádega e um zéfiro de rufiões provençais entrou no terraço e fez minha batina negra esvoaçar, e eu pensei: O segundo ai!, passou. Olhe que depois vem o terceiro. E pensei: Eu estava em pé na areia do mar. E vi surgir do mar uma Besta. E pensei: Então veio um dos sete Anjos que levavam as sete taças e falou comigo. E pensei: Porque seus pecados se amontoaram até o céu e Deus lembrou suas iniquidades (BOLAÑO, 2004, p. 16).

É importante ressaltar essa passagem. Podemos perceber aqui uma crítica à posição religiosa de Lacroix, sugerindo que aquela seria a segunda relação homossexual do padre. Sendo esse “o segundo ai!”, está aberta a possibilidade de ocorrer um terceiro. Aqui também é colocada uma fuga de Lacroix em relação a sua condição de padre e, portanto, seu dever de castidade. O personagem apresenta um temor relacionado ao ato sexual com Farewell, mas se deixa dominar pelo prazer e realiza a cópula.

Bolaño utiliza o padre e o crítico para retratar forte e criticamente dois setores dominantes da sociedade chilena.

Primeiramente, em Lacroix, que em todo o decorrer do romance não se abstém de usar a sua batina, temos uma crítica à Igreja e aos padres, de um modo geral. Ao não se abster de usar a batina, Lacroix mesmo tendenciosamente violando seus votos clericais, acaba colocando seu desejo pelo mundo das letras em primeiro lugar. Em *Noturno do Chile*, o padre está muito mais relacionado com a literatura do que com o seu sacerdócio. No início ele deseja fazer parte do fechado círculo da literatura chilena, e acaba se tornando, por fim, crítico e poeta. Essa sua relação muito mais forte com a literatura do que com o sacerdócio pode ser interpretada como uma fuga de sua condição religiosa. O personagem religioso não mede esforços para fazer parte do círculo literário chileno, chegando a se relacionar homossexualmente com Farewell para conseguir realizar seu desejo. Mais adiante o narrador descreve o fim de semana passado na fazenda Là-Bas como se fosse seu “batizado” no mundo das letras chilenas: “O automóvel de um dos convidados de Farewell me levou até Chillán, bem a tempo de pegar o trem que me retornou a Santiago. Meu batismo no mundo das letras estava encerrado” (BOLAÑO, 2004, p. 21).

Em segundo lugar, tem-se Farewell, que representa a oligarquia agrária chilena. O personagem desdenha os chilenos, caracterizando-os como bárbaros camponeses aculturados; ele se julga o último e único entendedor da literatura presente naquele país. Em Farewell podemos perceber uma crítica à sociedade burguesa chilena e à hipocrisia dos intelectuais, ao se julgarem acima das demais classes.

- *Lacroix, a política e o Golpe de 11/09/73*

Mais adiante, no desenvolvimento do romance, à medida que Lacroix vai se recordando de sua vida, a questão política do Chile é retratada de acordo com as convicções e lembranças do personagem. Após uma longa viagem à Europa, o padre retorna à sua pátria e encontra o país envolvido em uma grande mudança política e social, e a descreve com um grande desconforto.

Um dia decidi que era hora de retornar ao Chile. [...] No Chile as coisas não iam bem. Não sou nacionalista exacerbado, mas sinto um amor autêntico pelo meu país. Chile, Chile. Como pudeste mudar tanto?, perguntava às vezes, debruçado na minha janela aberta, olhando a reverberação de Santiago na distância. Que fizeram contigo? Os chilenos enlouqueceram? De quem é a culpa? E outras vezes, enquanto caminhava pelos corredores do colégio ou pelos corredores do jornal, dizia: Até quando pensas em continuar assim, Chile? Será que vais te transformar em outra coisa? Num monstro que ninguém reconhecerá? Depois vieram as eleições, e Allende ganhou (BOLAÑO, 2004, pp. 63-64).

O personagem retorna a seu país e o encontra dividido em duas vertentes políticas – a direita Democracia Cristã e a esquerdista Unidade Popular – pela disputa da presidência chilena. O receio quanto às transformações pode ser percebido no padre, que pertence a uma das classes dominantes do país. Ele se mostra receoso com o novo rumo do Chile após a vitória de Allende. Em um desenlace depois de uma conversa com Farewell, que também se mostrava desconfortável com a vitória de Allende, Lacroix termina com um apelo religioso: “Seja o que Deus quiser, disse comigo mesmo. Vou reler os gregos” (BOLAÑO, 2004, p. 64).

Na passagem do romance, o narrador Lacroix relaciona as passagens importantes do governo socialista de Allende à sua leitura de importantes obras gregas. A posição distanciada e tendenciosa do narrador atua de forma irônica: ele nos dá uma sensação de que a desorganização impera durante todo esse conturbado período político, iniciando pela leitura da Homero, passando pelos filósofos pré-socráticos, tais como Tales de Mileto, Zenão de Eleia, sempre mantendo a relação destas leituras com passagens históricas do governo Allende: “depois mataram um general do Exército favorável a Allende, o Chile restabeleceu relações diplomáticas com Cuba [...]” (BOLANO, 2004, p. 64). Seguindo um percurso detalhado por Lacroix entre obras gregas e acontecimentos políticos chilenos, até o término da leitura grega nos filósofos Platão e Aristóteles, o advento da tomada de *La Moneda*, a morte de Allende e o início de uma ditadura militar. O distanciamento do personagem em relação aos acontecimentos políticos fica claro na sua manifestação contrária ao governo “barulhento” de Allende e à situação caótica de seu país, quando ele revela o seu contentamento e a sensação de paz sentida com o fim do governo:

[...] Depois veio o golpe de Estado, o levante, o *pronunciamiento* militar, bombardearam La Moneda, e quando terminou o bombardeio, o presidente se suicidou e tudo acabou. Então eu fiquei quieto, com um dedo na página que estava lendo, e pensei: que paz. Levantei, fui à janela: que silêncio. O céu estava azul, um azul profundo e limpo, marcado aqui e ali por algumas nuvens (BOLAÑO, 2004, p. 65).

- ***O Estado Totalitário chileno em Noturno do Chile***

O romance continua, retratando a morte do poeta Pablo Neruda, personagem real de forte influência na literatura de Bolaño, que Lacroix conhecera por intermédio de Farewell em uma de suas visitas a Là-Bas. Dois personagens enigmáticos que aparecem anteriormente no romance, cujos nomes são Odem e Oidó – Medo e Ódio, escritos de trás para frente – retornam como funcionários do governo ditatorial. O escritor metáforiza a situação política em que o Chile adentrara com a duríssima repressão exercida pelo governo militar, por meio do nome destes dois personagens que fazem parte do alto escalão governamental: os dois convidam o padre para exercer uma função “importantíssima” e secreta, que é ministrar aulas de marxismo ao General Pinochet e à Junta Militar.

Lacroix ministra aulas aos generais recorrendo às obras principais da teoria marxista. Bolaño mais uma vez realiza o hibridismo que lhe é peculiar, ao misturar personagens ficcionais com personagens reais da história chilena. Dentre eles, nesta parte do romance, vemos o nome de Marta Harnecker, teórica chilena do marxismo que, em decorrência do golpe militar, se exilou em Cuba de onde dirigiu o MEPLA, Centro de Investigações da Memória Popular Latino-Americana. Sua obra *Conceitos elementares do materialismo histórico* surgia na narrativa como centro de toda a questão sobre as aulas de marxismo. Muitas das vezes, Harnecker fora tratada com descontentamento pelos generais, devido à sua relação com o marxismo e à aproximação com a política cubana. Trata-se de uma personagem que aparece para ilustrar a questão do marxismo presente na América Latina. Causa estranheza para os “alunos” o fato de uma compatriota saída do ventre da pátria chilena manter relações com a desvirtuada pátria cubana, depreciando totalmente tal relação:

Falamos de Marta Harnecker. O general Leigh disse que essa senhora tinha amizade com uns cubanos. O almirante confirmou a informação. É possível?, perguntou o general Pinochet. Pode ser possível uma coisa dessas? Estamos falando de uma mulher ou de uma cadela? A informação está correta? Está, disse Leigh (BOLAÑO, 2004, p. 74).

Em continuação, o narrador apresenta um diálogo entre Lacroix e Pinochet sobre a formação intelectual de Allende, diálogo em que o general desqualifica Allende como intelectual e como mártir da pátria: de acordo com o general, Allende não lia nada, nem ao menos se dava o trabalho de fazê-lo, o que teria acontecido com os outros antecessores que presidiram o Chile – diferentemente do ditador que se julga, na con-

versa com Lacroix, um genuíno intelectual, por ter publicado três livros e inúmeros artigos. A interessante passagem da conversa entre o padre e o ditador termina com a revelação de Pinochet sobre o motivo pelo qual estava interessado no marxismo.

Por que o senhor acha que quero aprender os rudimentos básicos do marxismo?, perguntou. Para prestar um serviço melhor à pátria, meu general. Exatamente, para compreender os inimigos do Chile, para saber como pensam, para imaginar até onde estão dispostos a ir. Eu sei até onde estou disposto a ir, garanto-lhe. Mas também quero saber até onde eles estão dispostos a ir [...] (BOLAÑO, 2004, p. 79).

Os inimigos do Chile são caracterizados pelos marxistas, pelos comunistas e pelos opositores do regime ditatorial de Pinochet apoiado pelos Estados Unidos contra a intentona comunista. Esta foi uma situação política comum em quase toda a América Latina, onde ditadores reinavam com o apoio do poderio militar norte-americano. O combate a esses “inimigos da pátria” se deu em uma perseguição violenta, resultando na morte de milhares de cidadãos em toda a América Latina. No caso do Chile, Pinochet estava com tamanha “disposição” que ficou no poder com mão de ferro até meados da década de 90.

Lacroix ainda se lembra de uma promissora candidata a escritora, Maria Canales, que durante as noites, sem lugares para frequentar, cedia a sua casa aos artistas para que estes realizassem encontros festivos. Ao desenrolar do romance, a casa se revela como sendo um local onde seu marido, um executivo norte-americano, realizava torturas contra os elementos subversivos contrários ao regime ditatorial.

Mais próximo do fim do romance, o narrador Lacroix apresenta uma metáfora sobre a situação chilena, como país dominado por uma ditadura, mostrando a incapacidade de os chilenos se posicionar e promover uma mudança na situação do país.

Ao fim do romance retorna a figura que inicia as preocupações de Lacroix, o “jovem envelhecido”, figura enigmática, que aparece dando a entender que o velho padre está, enfim, encontrando a morte, e em seus delírios dialoga com ela, de modo a prestar contas de seus feitos em vida.

IV. Relações entre Roberto Bolaño e Pablo Neruda

Tomemos como ponto de apoio para esta relação a leitura do conto intitulado “Carnet de Baile”, do livro *Putas Asesinas* (2001). Segundo Giraldo, o conto autobiográfico descreve a situação de um Bolaño inicialmente apaixonado pela obra de Neruda, o que se transforma posteriormente numa relação conflituosa. O conto começa com Bolaño descrevendo o fato de que sua mãe sempre lia para ele e os irmãos o livro de Neruda, *Vinte Poemas de Amor e uma canção desesperada* (1924). Bolaño inicia a descrição de sua relação com o poeta cânone da literatura chilena, apontando o temor de que aquela obra nerudiana tenha alcançado o número de um milhão de exemplares vendidos.

1. Mi madre nos leía a Neruda en Quilpué, en Cauquenes, en Los Ángeles. 2. Un único libro: *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, Editorial Losada, Buenos Aires, 1961. En la portada un dibujo de Neruda y un aviso de que aquélla era la edición conmemorativa de un millón de ejemplares. ¿En 1961 se había vendido un millón de ejemplares de los *Veinte poemas* o se trataba de la totalidad de la obra publicada de Neruda? Me temo que lo primero, aunque ambas posibilidades son inquietantes, y ya inexistentes (BOLAÑO, 2001, p. 91).

Desde o início, a referência a Neruda fez-se presente na literatura e na vida de Bolaño. O livro passou de mãos em mãos, percorrendo algumas aldeias ao sul do Chile até cair em suas mãos, dado pela sua irmã. Bolaño, no decorrer do conto, enfatiza sua posição inicialmente ridícula e ingênua em relação à literatura chilena, da qual tomava conhecimento, chegando a descrever uma discussão em que aponta Neruda como o maior poeta chileno: “Yo era por entonces un joven hipersensible, además de ridículo y muy orgulloso, y afirmé que el mejor poeta de Chile, sin duda alguna, era Pablo Neruda. Los demás, añadí, son unos enanos” (BOLAÑO, 2001, p. 92). Interessante ressaltar que a discussão ocorria numa comparação entre Neruda e o poeta chileno Nicanor Parra, apontado por Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo como uma das influências mais marcantes na literatura de Bolaño.

O conto desenha o trajeto de leitura do narrador Bolaño, começando com Neruda e depois passando por Vallejo, Huidobro, Borges, De Rokha, Gironde até chegar a Nicanor Parra, que será uma de suas influências mais marcantes (GIRALDO, 2007, p. 183).

As palavras do narrador Bolaño na sequência do conto adentram o ano de 1973, precisamente na sua volta ao Chile, em agosto, um mês antes do golpe militar. O escritor retorna ao país para participar da construção do Socialismo, descrevendo o dia 11 de setembro de 1973 como um espetáculo sangrento e humorístico. À frente o narrador relata a sua prisão pelos militares, quando é então taxado como terrorista estrangeiro; após ajuda de um antigo colega, consegue escapar e foge para o México, finalizando o conto com a sua tristeza por estar impossibilitado de voltar ao seu país.

Importante ressaltar a passagem em que Bolaño se depara com o livro de memórias de Neruda, *Confesso que Vivi*:

47. Lo confieso: no puedo leer el libro de memorias de Neruda sin sentirme mal, fatal. Qué cúmulo de contradicciones. Qué esfuerzos para ocultar y embellecer aquello que tiene el rostro desfigurado. Qué falta de generosidad y qué poço sentido del humor (BOLAÑO, 2001, pp. 93-94).

Bolaño “confessa” – fazendo uma referência ao título do livro de Neruda – que não poderia ler o livro sem sentir-se mal perante as enormes contradições presentes nas

memórias do poeta. Qualifica a obra como uma tentativa de ocultar e embelezar aquilo que tem um rosto desfigurado.

Interpretando essa possível desfiguração da obra nerudiana, é vigente o apontamento em seu livro autobiográfico *Confesso que Vivi*, a condição de maior importância dada pelo poeta a sua outra obra de forte vertente política intitulada *Canto Geral*, de 1950. Nas palavras de Neruda, “Naquele ano de perigo e de clandestinidade terminei meu livro mais importante, o *Canto General*” (NERUDA, 1983, p. 181). A partir daí, é possível encontrar um Neruda que idealiza a vertente política, chegando a renegar os versos anteriores, de caráter romantizado. Enfatizando essa posição, temos abaixo a presente citação:

Quando eu escrevia versos de amor, que me brotavam
de todos os lados, e me morria de tristeza,
errante, abandonado, roendo o alfabeto,
me diziam: “Como és grande, ó Teócrito!”
Eu não sou Teócrito: tomei a vida,
me pus diante dela, dei-lhe beijos até vencê-la,
e logo me fui pelas vielas das minas
para ver como viviam outros homens.
E quando saí com as mãos manchadas de imundícies e dores,
eu as levantei a mostrá-las nas cordas de ouro,
e disse: “Eu não compartilho do crime”
(NERUDA, 1984, p. 366).

Percebe-se nessa passagem o sentimento de recusa da Neruda em relação a seus antigos versos amorosos, ao posicionar-se contra o título de “Teócrito”, e a partir de então buscar a verdade, ou a verdadeira inspiração poética – dos “homens das minas” – os mineiros chilenos. Ao fim do livro *Canto Geral*, pode-se apontar até mesmo uma alienação do poeta em relação a sua própria vida, ao colocar toda sua atual condição humana decorrente da sua entrada no Partido Comunista.

No romance *Nocturno do Chile*, a participação de Neruda como personagem é evidente, pois ele se relaciona com os personagens ficcionais, chegando a ser apontado várias vezes pelo personagem principal, Lacroix, como o maior nome da poesia chilena. Segundo Jáder Vanderlei Muniz de Souza, mestrando em Literatura Hispano-Americana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) em seu artigo intitulado *Nocturno de Chile: literatura e história*, “ao longo do romance *Nocturno de Chile* o poeta é mencionado aproximadamente 20 vezes, sempre como um nome absoluto, inquestionável na tradição literária de seu país” (SOUZA, 2010, p. 517).

Finalizando as considerações sobre as relações literárias entre os dois autores, Neruda é mencionado no fim do conto “Carnet de Baile” como um fantasma que atormenta o narrador escondido em um dos corredores de sua casa, precedido pela aparição de Hitler. O narrador deduz que, após o aparecimento de Hitler, o próximo seria

Stalin; porém coincidentemente surge Neruda, que em sua ideologia política denominava-se stalinista.

V. Referências bibliográficas

ALLENDE, Isabel. *Paula*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ALMOND, Mark. *O livro de ouro das revoluções*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BOLAÑO, Roberto. *Noturno do Chile*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. "Carnet de Baile", in: *Putas Asesinas*. Barcelona: Anagrama, 2001.

CÁCERES, Florival. *História da América*. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Galeano Freitas. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIRALDO, Rafael Eduardo Gutiérrez. "Romances híbridos e crítica ficcional na narrativa contemporânea latino-americana: o caso de Roberto Bolaño", in: *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 22, p. 179-190, 1.º sem. de 2007.

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. 3 ed. Trad. de Olga Savary. São Paulo: Difel/Círculo do Livro, 1983.

_____. *Canto Geral*. 6 ed. Trad. de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Difel, 1984.

SOUZA, Jáder Vanderlei Muniz de. "Nocturno de Chile: literatura e história", in: *XV Seminário de Teses em Andamento*, 2009. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). *Anais do SETA*, Campinas, n. 4, 2010, p. 510-520.